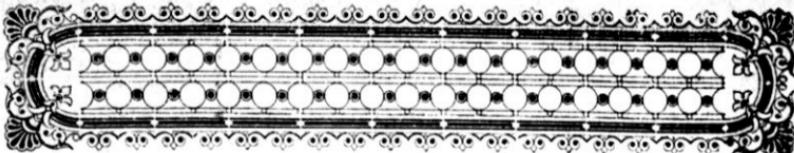


FLORES GARRETTIANAS

HOMENAGEM DA **Ave Azul** AO PRIMEIRO
CENTENARIO DO NASCIMENTO DO
VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT

1799—1899

4 DE FEVEREIRO



Passou o primeiro centenario do nascimento do Visconde d'Almeida Garrett, innegavelmente o maior poeta portuguez da primeira metade d'este seculo.

Passou... e, infelizmente, apesar dos generosos esforços de muitos dos seus devotados admiradores, a consagração que ahi se lhe fez ficou muito aquem do que ella devera ser—para se evidenciar digna d'elle e de nós.

Foi extemporanea, explicam: o culto pelo altissimo poeta das *Folhas cahidas* achava-se restricto a um limitado numero de amadores das boas-letras: o paiz, a grande massa do paiz, essa, nem sequer lhe conhecia o nome.

Pois bem: a ser assim (e cremos que assim foi, que assim devia ser) não nos parece—e com isso ao menos nos regosijamos—que de todo inutil fosse a commemoração, embora insufficientissima, do seu nome e da sua obra: pelo contrario: contribui ella, e muitissimo, para dar ao seu culto a catholicidade que elle merece e que forçosamente ha-de vir a ter—se ainda a não tem. O nome de Garrett que até hontem, mesmo em Portugal, era conhecido de poucos, é agora não só conhecido, mas muito apreciado, podemos dizer que em toda a Europa. Proval'o-iam de sobejo as noticias, artigos, criticas, traduccões de poemas de Garrett, etc, que na França, na Italia, no Egypto e na Russia se publicaram por occasião do centenario garrettiano.

Foi nosso primeiro intento archivar nas paginas da *Ave-Azul* esses mementos agora dispersos pelos orgãos mais conceituados da Imprensa Europea, e darmos-lhos, assim enfet-

xados, como flores de gratidão aos nossos amigos do estrangeiro e como flores de consolação aos admiradores de Garrett da nossa terra.

Desistimos em face da impossibilidade: só o que se publicou em Paris dava mais de cem páginas!...

Mas do que não desistimos foi de levar também a nossa pedra para o monumento que a geração d'hoje deixa erguido á memoria do nobilíssimo poeta e nobilíssimo português — que ambas as coisas foi, sem dúvida nenhuma, Almeida Garrett — e de contribuir assim, com o nosso pouco, para que a geração de amanhã, os nossos filhos, façam por occasião do centenário da sua morte, o que nós, por occasião do centenário do seu nascimento, não soubemos ou não pudemos fazer.

Pois que a nossa colheita foi de fructos pécos, preparamos-lhes o terreno para que a sua colheita, d'elles, seja de fructos opimos.

Façamos que o nome do poeta seja amado e a sua obra seja apreciada, quanto merecem sel-o — e por todos.

E' o nosso dever: cumpramol-o, para que, nesse ponto ao menos, nos fique tranquilla a consciencia.

Vizeu: março de 99.

Os Directores da
Ave-Azul

BEATRIZ PINHEIRO.
CARLOS DE LEMOS.



FLORES GARRETTIANAS

Primeira parte

Uns versos de Garrett

O “Impromptu,, de Cintra

*Composto e representado em 8 de abril de
1822 na Quinta da Cabeça em Cintra*



Actores os srs.: José Miguel da Silva, Diogo Folque,
Carlos Pereira de Mello Vergolino, Carlos Sá Vianna, Anto-
nio Peregrino Madeira, J. B. da S. Leitão d'A. Garrett.

Logar da scena – Cintra.

SCENA I

GARRETT

Que ar tam suave se respira em Cintra !
Que amenos prados, que gentis outeiros !
Que horizonte, que ceo, que estancia amavel !
Por entre esses esmaltes de verdura
Como é saudoso o murmurar das fontes !
Parece quasi ouvir que ellas suspiram,
E a suspirar os peitos nos convidam.

Ditosa habitação ! que almo recôbro
 Não dás aos corações affadigados
 Do pezo da existencia trabalhosa,
 Talvez aborrecida... amarga, ao menos !
 Aqui longe do fasto e do tumulto,
 No regaço da simples natureza,
 Sem enfeites, sem arte, em desalinho,
 Entermeiando a solidão fagueira
 Com mais fagueira sociedade amena,
 Aqui, se ha gozo, se ha prazer na terra,
 Aqui se encontra, só aqui habita.

Mas que avara não é a natureza !
 Porque não hade na estação das flores,
 N'este de Cintra candido horisonte
 Demorar por mais tempo o sol e as luzes ?
 Fazer que um dia succedendo ao outro
 Não ousem trevas offuscar-lhe o brilho,
 E o risonho espectaculo dos campos
 Horas tão longas escondê-lo aos olhos ?

SCENA II

Garrett e Silva

SILVA

Ora ahí temos por fim chegada a noite,
 Unicas horas, que aborrece em Cintra.
 Jogos, passeios, acabou-se tudo.
 E agora ? Agora ficaremos todos
 Muito frescos a olhar uns para os outros.

GARRETT

Eram n'este momento, caro amigo,
 Meus pensamentos esses : n'este instante,
 Da avara natureza me queixava
 Porque não fez na primavera, em Cintra,
 Sem occidente o sol, sem noite o dia.

SILVA

Oh! se tu não havias vir co'as tuas!
 Tu com essa cabeça de novella.
 Sentimental, romantico, pateta,
 E... olha que digo o mais... Queres?

GARRETT

—Pois dize

SILVA

Enamorado.

GARRETT

Essa é boa! Eu namorado!

SILVA

Sim, senhor, namorado: pois que cuida?
 Esses teus sonhos em que andas sempre,
 O tom sentimental de teus discursos,
 E o mais, que eu calo agora...

GARRETT

Mas, perdoa;

Antes eu, quando estou c'os meus amigos,
 Sempre me exforço em parecer alegre.

SILVA

Convenho: n'isso mesmo é que te accusas.
 Esse exforço, que fazes, é que prova,
 Que não é natural tua alegria.
 E até...

GARRETT

Sabes que mais?—Quero pedir-te,
 Amigo, um favor grande, e é que deixemos
 Esta conversa.

SCENA III

**Os mesmos, Vergolino, Madeira,
Sá Vianna e Folque**

VERGOLINO

Bom ! Cá estão elles !
Bello encontro ! Rapazes, um projecto,
Magnifico, estupendo, ideia grande,
Como a minha.

SILVA

Oh ! Então temos asneira

GARRETT

Não entrem a emburrar. Silencio, ouçamos.

VERGOLINO

Nós todos, que aqui estamos... Quantos somos ?
Um, dois, tres, quatro, e cinco, seis : bom, basta.
Vamos representar já uma farça.

TODOS

Bravo !

GARRETT

Mas quando ?

VERGOLINO

Já, hoje.

GARRETT

Impossivel.

SILVA

Qual impossivel ! Moços de talento,
Rapazes, como nós ! Apoio, apoio.
Vamos a ella, vamos ! Já, já... partes.
Ensaios... tóca. Eu faço de...

GARRETT

De doido.

SILVA

A farça... Não me lembra... Hade ser ella...

VERGOLINO

O Corcunda por amor.

GARRETT

Que farça é essa?

VERGOLINO

Faça-se tolo! Aquella do Bairro-Alto.

GARRETT

Ora adeus! Uma cousa de tres dias,
Feita a brincar...

VERGOLINO

Para brincar são todas
Nem as queremos nós para outra cousa.
Se foi feita em tres dias, em tres horas
Havemos de ensaiá-la hoje aqui mesmo,
Representá-la, et cætera.

GARRETT

Pois vamos:

Quando chego a sahir de minha casa,
Deixo atraz da porta, sempre a vontade.

SILVA

Vamos! O caso é este, venha a farça.

CARRETT

Vem já: deixe ir buscá-la.

(Volta com a farça)

Ei-la aqui.

SILVA

Bom! Muito bem! Vejamos as pessoas.

(Lendo)

*O Doutor Lapafurcio, letrado
D. Carangueja, sua mulher
D. Carlota, sua filha
Eleutherio, amante de Carlota
Augusto, amigo de Eleutherio
Barrigudo, procurador de causas*

Tu, que papel fizeste n'esta peça?

GARRETT

Eu? Eu fiz o de Augusto. Não te lembras?

SILVA

Olá! De bregeiro, maganão? Pois largue,
Que esse, é cá para mim.

GARRETT

Cêdo com muito gosto:
Pois não, meu superior?!

VERGOLINO

Velha, o Madeira

MADEIRA

Não quero, não quero.

TODOS

Hade fazel-o.

MADEIRA

Eu nunca fiz de velha em minha vida.
 Nada de empurrações. Lá os senhores
 Escolhem para si faceis papeis,
 Impingindo para outro os de quizilia.

GARRETT

Pois bem, haja uma lei que nos regule.
 Hade um só distribuir os papeis todos;
 E ninguem hade eximir-se.

TODOS

Bravo!

GARRETT

Quem hade ser?

VERGOLINO

Tu mesmo

TODOS

Apoiado.

GARRETT

Então, peço a palavra. Antes de tudo
 Agradeço ao congresso honra tamanha

SILVA

Nada de phrases.

GARRETT

Dois papeis, já estão dados.
 Restam quatro. Carlota, a Sá Vianna

SÁ VIANNA

Dama! Eu que nunca subi ás taboinhas...

GARRETT

Ora vamos, ou bem se faz a cousa,
 Ou então...

TODOS

Ordem, ordem

GARRETT

Pois silencio.
 De Eleutherio, de amante apaixonado...
 O Folque.

FOLQUE

Eu ! co' esta cara ?

GARRETT

Procurador de causas, Vergolino. Co' essa mesma.

VERGOLINO

Eu ! Eu, esse papel !

GARRETT

Sim, meu senhor,
 Hade faze-lo. Resta o doutor velho.
 Farei eu. Sem sabor, mas não importa.

SILVA

Vamos, menino, nada de vergonhas.

GARRETT

Vergonha, cu ! E' cousa que não tenho ;
 Vergonha fôra, se a tivesse agora.

(Para os espectadores)

Não : com franqueza, segurança e gosto,
 Eu pelos socios meus, por mim, por todos,
 Em nome da suavissima amizade,
 Da amizade aos prazeres vos convido.
 Ella só, nada mais, preside, e enfeita
 Nossos brincos singelos. Só com ella,
 Sem talentos, sem arte, sem prestigios,
 A mal composta scena hoje subimos.

Passae comnosco as horas enfadonhas,
 Que o veo da noite escassa envolve em trevas
 De Collares e Cintra amenas vistas,
 Sombras meigas, passeios deleitosos;
 Das fontes o cristal, do prado o esmalte,
 E todo o encanto d'este sitio amavel,
 Onde entre as rochas alcantis que o cercam,
 Seus thesouros esconde a natureza.

SILVA

Ha muito tempo que sabemos isso.
 Diz bem bonito, mas o caso é outro.
 Vamos a ensaios, toca, já com elles.
 Para nos arranjar estas caretas,
 Para o theatro, vistas et cætera,
 Temos cá o Schiopeta nosso amigo :
 Vamos buscá-lo.

TODOS

Vamos.

SILVA

E entretanto

Que nós nos ensaiamos e arranjamos,
 Com as suas modinhas engracadas
 De fino gosto e doce melodia
 Pode elle ir entretendo a companhia.



Cartas de Garrett

À Filha



Sabbado 25—Março.

Minha querida Filha.

Levantei-me hoje cedo, com esperança de ir ver-te, e melhor de saude do que ha muito. Mas era impossivel fazer trabalho os cavallinhos logo de manhã, depois de uma grande massada que hontem levaram toda a tarde e noite. Dei razão ao cocheiro que m'o representou, e reservei para segunda feira ir ver-te e ouvir o sermão. E' depois de ámanhan, minha querida filha, terei pacienza para esperar.

Vae a Emilia levar-te esta carta, que me pediu para ir ver-te. Ella te leva tambem uns rebuçados de diversas fructas, que hontem escolhi em um loja nova que agora se abriu. Dize-lhe se precisas de alguma coisa, e como a desejas, para eu t'a levar depois de ámanhan.

Saberás, minha filha, que a M... se casa para a Paschoa, e que hontem chegou a mãe para assistir ao casamento. Eu, no apperto dos malditos presentes, e para não gastar agora dinheiro, dispuz da tua pulseira que mandei vir de Paris (por me lembrar que não gostas muito d'ella) e a offereci em teu nome e da tua parte á M... mas eu é que respondo pelo seu

valor, e te prometto que terás outra melhor, escolhida por ti e a teu gosto. Minha filha, nada perderás em fazer-me este emprestimo. Disse que a lembrança era tua; estou certo que me approvas.

Adeus, minha adorada filha da minha alma, Deus queira que já estejas inteiramente boa. Toma muito cuidado em ti. Bem sabes que a tua vida e a tua saude é a felicidade de teu pai, que não tem no mundo outra esperança senão tu, e não poderia sobreviver a uma desgraça que te acontecesse.

Roga bem a Deus por ti e por mim, que o preciso tanto em todo o sentido, e Deus Nosso Senhor te abençoe e te cu-mule de felicidade e sobretudo da sua Graça.

Adeus, minha filha.

Teu pae
que te ama de toda a sua alma

JOÃO BAPTISTA

P. S. Recommenda-me a todas essas senhoras com muitos agradecimentos.

3.^a feira 11 — (Agosto ?)

Minha querida filha da minha alma.

Hontem não te vi, filha, porque a todo o momento estive á espera do Criado que devia trazer-me os teus vestidos, e que a Costureira o demorou até tarde sem por fim lh'os dar; mas elle os vio quasi feitos. Eu hoje em pessoa os vou buscar e no fim da tarde t'os levarei.

Aqui tens os caramellos que só hontem chegaram; que te dêem tanto gosto como a mim me dá mandar-t'os, querida filha.

Não te affadigues com este calor; não te appliques de mais. Eu não te quero para doutora, só desejo que sejas boa, temente a Deus, que tenhas modos de senhora, e que cultives honestamente a intelligencia que Deus te deu. Saberás que a Pepa já sahiu do seu collegio.

Dize-me de ti como estás e o que sentes: eu não tenho outros cuidados, nem mais pensamentos senão em ti. Assim cuida em ti, até pelo amor que tens a teu pae que não pode suportar a edéa de ver-te doente ou incommodada seja porque fôr,

Não estudes demais, torno a dizer-te; passcia e está pela Cerca todo o tempo que t'o permittirem.

Meus respeitos a essas Senhoras e Deus te cubra de suas bençãos, como lhe pede ardente mente

Teu pae
que tanto te ama

J. BAPTISTA.



Ao sr. Eduardo Faria:

III.^{mo} Sr.

10 de março.

Agradeço muito cordealmente a V. S.^a o favor do seu bello diccionario que estimo por seu valor intrinseco e pelo muito maior que lhe dá a maneira por que V. S.^a me penhouro tanto quando me fez favor em m'o remetter.

Creia que sou e serei sempre com muito antiga amizade e sympathia.

De V. S.^a

Am.^o certo e obrigd.^o

ALMEIDA GARRETT.

Ao mesmo:

Lisboa, 24 de março.

Meu caro Amigo.

Este momento em que tanto á pressa lhe respondo, é ainda roubado ás temiveis e (*illegivel*) occupações com que realmente não posso.

Pagarei a seu pae e meu amigo o que se lhe dever. Peço-lhe que m'o lembre. E tudo o mais que poder fazer por elle de mil vontades o farei. — E' preciso que elle tenha a bondade de apparecer pela secretaria.

A seu mano buscarei para fazê-lo passar para a minha secretaria, e depois em tendo lugar, farei mais. Sem isso não posso.

Sua Magestade não quer nomear addidos honorarios, em razão da alluvião d'elles que se tem feito. — Eu nenhum, — Mas com tempo veremos,

Da Commenda de Christo em tempo que não será longo.
Adeus que não posso mais. Appareça e fallaremos.

Seu am.^o verd.^o

ALMEIDA GARRETT.

Ao mesmo:

Ill.^{mo} Sr. e
Meu Amigo,

5 de junho.

Peco-lhe o favor de dizer a seu Pae que hontem lhe mandei pagar o que se achou com effeito que lhe era de stylo e uso devido, pelo quartel que lhe não satisfizeram.

Vou pedir-lhe agora um obsequio. O portador, o sr. José Ramos Coelho, é um joven poeta das maiores esperanças e que tem realmente fundo. — Elle quer publicar os seus versos e consultar sobre elles o juizo publico. — Eu sei decerto que a opinião não pode ser senão muito favoravel. Veja-os, falle com o A. e se poder ser-lhe util e auxilial-o, como de certo pôde, creia que obriga muito a quem é

De V. S.^a
Am.^o verd.^o e obgd.^o

ALMEIDA GARRETT.

Ao sr. José Ramos Coelho

Ill.^{mo} Sr.

Pedroicós, 22 de Setembro

Hoje fui a Lisboa e em minha casa enfim achei o resto dos seus versos, que restituo. Pode mostrar esta carta ao

meu amigo o sr. Eduardo de Faria, na qual me compromet-
to a escrever o prologo promettido aos seus bellos versos.
Mas é preciso que á proporção que se forem tirando as fo-
lhas, m'as mande.

De V. S.^a
M.^{to} att.^o v.^{dor} e c.^{do}

ALMEIDA GARRETT

Ao sr. dr. Domingos Garcia Peres

Meu Am.^o e Sr.

Peço-lhe que acredite que só o grande incommodo de saude porque tenho sido afflito ha tantos dias me podia impedir de mostrar quanto posso a V. S.^a o meu profundo agradecimento pelo subido presente com que me mimoseou. Nada n'este mundo me podia ser tão agradavel como a memoria que me recorda os preciosos objectos que foram do uso do meu venerando tio e educador.

Creia que esta recordação, que hade durar tanto como a minha vida, se liga d'ora em deante á da sua amisable e atençāo, que tanto me penhoram.

Remetto o livro que V. S.^a mostra desejar e que vae firmado com o meu nome, como me pediu. E só me pesa não poder dar a esta offerta outro valor que ella não tem.

Lembro-lhe que o não dispenso da *campainha* e *hostiario* que me prometteu.

Fique sempre certo que sou e serei

De V. S.^a
Am.^o C.^{do} Obg.^{do}

ALMEIDA GARRETT

Segunda parte

Traduções avulsas de Garrett

(por occasião do seu centenario)

Traduções Italianas

Do sr. PROSPERO PERAGALLO :

AH! ÉLENA!

Ah! mia cara! Di amante e di sposo
 Già il bel nome ti fa sospirar;
 Già il tuo cándido core présente
 Quell' incendio di amor delizioso
 Che in principio ci fa palpitar!...
 Ah! non sia che, o donzella innocente,
 Questo inganno ti giunga a ammaliar!
 è amor falso, é un amore apparente,
 è un amor che ti dee martoriar!
 Quando il Sol ne' tuoi monti sassosi
 Lascia l'última luce smorzar,
 Colla ténebra, in notte sospetta,
 Vengon gli ángeli Inferni, insidiosi,
 La lor vittima incauta a tentar.
 Voce har dolce che assonna e diletta,
 Ma dell' empio la man... fa gelar.
 Trema, fuggi l'amor che ti alleta,
 é un amor che ti dee martoriar.

OSTINAZIONE AMOROSA

Int'no all' arboscello già intristito
 S' affatica il cultore speranzoso;
 Invischia i rami il cacciator bramoso
 Per cogliere l'angél ch'era fuggito;

All' uóm cúido d'or torna gradito
 Scavár la terra, né si dá riposo,
 Suda alla pompa il nauta frettoloso
 Per ascingare il suo battél sdruscito.

Ma abbandona ognun d'essi, disperato,
 e spezza anzi l'inutile strumento,
 Se vede il suo lavoro ésser sprecato.

Sol io, con disinganni a cento a cento,
 Sol io, da Delia sempre dispregiato,
 Mi ostino ognora piú nel mio tormento.

QUANDO IO SOGNAVA

Quando io sognava, era ella inquesta forma
 Che nei dolci miei sogni mi appariva ;
 e in questa forma pure scompariva,
 appena dal sopóre io mi destava,
 Questa imágine bella fuggitiva,
 Che nel mondo giammai potei trovar.
 Ora peró che son bene svegliato,
 Ora la veggio in me gli occhi fijjar...
 A qual fine ? Quando era un 'ombra sola,
 Una sémplice idea, um pensamento,
 Un fioco raggio d'astro allor spuntato
 Nella immensa región del firmamento,
 Una chimera, un sogno ognora vano,
 Io sognava bensi—; ma pur viveva :
 Per me il piacér non era allor che un nome ;
 Mas il dolór, questo no, nol conosceva.



Traduções Francezas

Do sr. MARC LEGRAND :

LES CINQ SENS

Les étoiles qui sont aux cieux
 Sont belles,
 L'émail des fleurs séduit les yeux :
 Mais moi, je n'ai pas d'yeux pour elles,
 Dans la nature je ne vois
 Nulle beauté, sinon en toi — en toi.

La voix du rossignol heureux
 Est tendre,
 Préludant sous les bois ombreux ;
 Mais moi, je ne veux pas l'entendre,
 Je n'écoute de douce voix
 Que celle qui me vient de toi — de toi.

Dans les jardins efflorescents,
 La brise
 S'embaume d'un céleste encens ;
 Mais moi, mon âme n'est éprixe,
 Entre tous ceux que je perçois,
 Que du parfum qui vient de toi — de toi.

Les fruits bien mûrs sont delicats
 Aux lèvres,
 Pomme juleuse ou fin muscat ;
 Mais moi, mes plus ardentees fièvres,
 Pour ce qu'on mange ou ce qu'on boit,
 Ne veulent que baisers de toi — de toi.

Moelleuse est du gazon brisant
 La couche
 Où va mon corp se reposant ;
 Mais moi, tandis que je te touche,
 Je ne puis souhaiter aux doigts
 Nulle caresse que de toi — de toi.

Oh ! toi, toi seule ! Tous mes sens,
 Confondus en un, te désirent,
 Te goûtent, t'entendent, t'aspirent,
 L'admirent,
 Te touchent, toujours frémissants :
 Que je meure, comme je dois,
 Ma mort sera pour toi, par toi !



MES AILES

J'avais des ailes, blanches ailes
 Qui me vinrent d'un ange, un jour,
 Et qui, du terrestre séjour;
 Volaient aux sphères éternelles.
 Blanches, aussi blanches que celles
 De l'ange qui m'en fit présent,
 Au ciel, dans leur essort puissant,
 Elles m'entraînaient, pur comme elles.

La Cupidité vint alors
 Me tenter. Je triomphai d'elle.
 Pour ses montagnes de trésors
 Je ne voulus donner mes ailes.
 L'Ambition et la Grandeur
 Vinrent pour me les couper : elles
 M'offraient le pouvoir, la splendeur.
 A tout prix, je gardais mes ailes.

Car sur elles, mes blanches ailes
 Qui me vinrent d'un ange, un jour,
 Lassé du terrestre séjour,
 J'allais aux sphères éternelles.

Mais, une nuit, au ciel ardu
 Voyant les étoiles si belles,
 Comme, en mon essort suspendu,
 Déjà je m'élevais vers elles,
 Je laissai glisser mon regard
 Du haut des voûtes éternelles:
 Et vis, en bas, dans le brouillard,
 Une clarté plus belle qu'elles !

Et mes ailes, mes blanches ailes
 Qui me vinrent d'un ange, un jour,
 Lourdes, aux terrestre séjour
 Penchaient, des sphères éternelles.

Or cette funeste clarté,
 Lueur d'amour, enchanteresse,
 M'aveugla. Fatale beauté !
 Heure noire ! Heure de détresse !
 En elle j'ai perdu mon cœur,
 Car j'éprouvai, dans sa caresse,
 Et le doux fiel de la tendresse
 Et l'âcre miel de la douleur.

Et des ailes, des blanches ailes
 Qui me vinrent d'un ange, un jour,
 Les plumes ont chu, tour à tour...
 Adieu, les sphères éternelles !



CASCAES

Là venait finir la terre
 Sur l'extrémité des rocs.
 Au milieu des sombres blocs
 L'âpre sierra solitaire
 Ne laissait en jets tardifs
 Vivre que des pins chétifs ;

Et les vents dans la ramure
 Poussant leur souffle orageux,
 Le ciel, triste et nuageux,
 La mer, qui toujours murmure,
 Tout, dans ces lieux pleins d'horreur,
 N'était que force et fureur.

Là le mont ouvrait sa faille,
 Là quelques maigres roseaux,
 Ruisseaux secs, sources sans eau,
 Herbe brûlée et broussaille.
 Mais là, dans ce pays brut,
 C'est le ciel qui m'apparut.

Là, bien seuls au monde, comme
 Nous vécumes, ô mon Dieu !
 L'un pour l'autre, en oublious
 De tout le reste des hommes !
 Simple vie aux jours secrets
 Comme elle nous enivrait !

Quels baisers nous nous donnâmes,
 Sans fin et délicieux !
 Quel langage avaient nos yeux !
 Elle était en moi. Mon âme
 Avec sa raison parlait.
 Mon sang dans son cœur coulait.

Les anges là-haut inscrivent
 Ces jours dans l'éternité.
 Siècles par l'intensité
 Sont ces heures fugitives :
 Aux élus, dans leur bilan,
 Dieu les compte pour mille ans.

Ah ! coupe d'heureuse fièvre,
 Je te bus à larges coups !
 Depuis ton arrière-goût

Me vint, amer, sur les lèvres,
Depuis... Mais j'aurai goûté,
Plus qu'aucun, la volupté.

Aucun ! Car il faut qu'on aime
Comme moi, pour le savoir,
Et donner et recevoir
De qui reçut de vous-même
Ce qui doit être donné
De notre vie, ou fané.

Ah ! quelles lourdes années,
Depuis, vinrent lentement !
Ah ! quel désenchantement
L'a peu à peu ruinée,
Ma maison qui se dressait
Où la terre finissait !

Revoir le cher paysage ?...
Non. Mes yeux, j'en suis certain,
Le regarderaient en vain.
Il a changé de visage.
Comme moi, comme elle, hélas !
Que je ne reconnaiss pas.

Là finit encor la terre,
Mais le ciel ne s'ouvre plus.
La vision qui me plut
Est sombrée au noir mystère,
Et le site en est resté
Nu, dans son âpre beauté.



De M. DE BRINN' GAUBAST :

Mes ailes

Des ailes, j'avais des ailes toutes blanches, un anje me les avait données : parfois, las de la terre, je les ouvrais en moi ;

alors, je m'envolais au ciel.—Elles étaient blanches, blanches, aussi blanches—que l'étaient celles de l'ange qui m'en avait doté; et moi, d'être innocent comme elles, j'allais au ciel.

La terre, avec ses jouissances, était venue pour me tenter : pour ses montagnes de trésors, je n'avais pas donné mes ailes. L'ambition vint pour les couper, les grandeurs vinrent, — gloire et pouvoir : je n'avais pas donné mes ailes.

Parce que mes ailes, mes ailes blanches, les ailes qu'un ange m'avait données, quand la terre me lassait, je les ouvrais en moi; par elles, je m'envolais au ciel.

Mais, par un ciel de nuit sans lune, comme je contemplais les étoiles, et, déjà ravi à la terre, m'en allais m'envoler vers elles, — je laissai retomber mes yeux du firmament, et des étoiles, et je vis, plus belle que celles-ci, parmi les brouillards de la terre, une autre flamme.

Et mes ailes blanches, les ailes qu'un ange m'avait données, s'appesantissant vers la terre, avaient cessé déjà de m'emporter au ciel.

Flamme funeste, amours enchantées qui m'aveuglèrent... Amours fatales, heure des douleurs que cette heure noire!— Heure où j'ai tout perdu à goûter dans l'amour le doux fiel de la volupté, l'âcre volupté de souffrir...

Et mes ailes blanches, les ailes qu'un ange m'avait données, plume à plume, se sont dépouillées... et jamais, jamais plus au ciel je n'ai volé.

Les cinq sens

Voir... Bien belles, je le sais, sont ces étoiles, bien belles ; ces fleurs, elles sont divines avec leurs mille couleurs ; mais moi pour elles, amour, je n'ai pas d'yeux pour elles : de beauté je n'en vois, par la nature entière, qu'en toi... en toi !

Ouïr... Elle est divine, sans doute, la voix qui trille, triste et tendre, dans l'ombre et les ramures touffues ; ah ! divine... mais aux mélodies du rossignol qui vocalise, moi, je suis sourd : d'harmonie je n'en sais pour moi qu'en toi... en toi !

Sentir... Parmi la brize qui rôde entre les fleurs, flotte, céleste, un parfum sauvage d'encens agreste ; je sais bien, mais je ne sens rien : mon âme n'aspire, ne perçoit, ne saisit d'arôme, que le suave arôme qui vient de toi... de toi !

Goûter.... C'est un régal bien doux, les beaux fruits mûrs ; un délice, le nectar des grappes ; et ma soif et ma faim sont grandes... Affamés, mes désirs le sont ; altérés, —mais c'est de baisers!... Affamés, altérés, mais de toi seule... de toi !

Toucher... Moelleux sans doute est le gazon luisant où je m'étends : moelleux et doux ; mais qui, près de toi, qui pourrait frissonner à d'autres caresses que tes caresses, têter aux voluptés qui ne sont pas toi... toi !

Ah, toi ! c'est toi seule que respirent, toi qu'entendent, toi que sentent mes sens fondus en un ; c'est en toi, c'est pour toi, c'est par toi que délirent en toi mon sort, ma vie en toi, et, vienne la mort, mourir pour toi...

Caseaës

Là, parmi les derniers rochers, finissait la terre : c'était là ; déserte, aride, la sierra, au travers des noirs blocs de pierre, ne laisse vivre d'une vie chétive que de tristes pins miséables.

Et les vents soufflaient déchaînés, brusques et violents, par les branches, et les cieux troubles, nébuleux, la mer qui sans relâche y gronde, tout était là force hagarde de nature vierge et sauvage.

Là, sur la montagne rompue, parmi quelques joncs mal venus, sec le ruisseau, la source à sec, herbes brouies, buis-

sons brûlés, dans ce pays brut et sévère, il y eut un ciel sur la terre !

Là, tous deux seuls au monde, bien seuls, — Dieu saint ! les heures que nous vécumes ! Oublieux de toute autre chose, comme nous étions bien tout pour nous ! Oubliée de tout et de tous, combien la vie nous était douce !

O baisers, longs baisers sans fin ! Dialogue muet des yeux parlants ! Comme elle vivait en moi, comme j'avais tout en elle, dans sa raison mon âme et dans son cœur mon sang !

Heures fugitives, des siècles pour l'intensité... Par les anges, dans l'éternité, ces jours auront été comptés : car Dieu les marque pour mille ans, quand il les donne à ceux qu'il aime.

Hélas ! oui, la coupe du plaisir, je l'ai bue toute, à longs traits, par larges rasades, à pleines gorgées : — bien amer, j'ai depuis senti qu'il est amer, l'âpre arrière-goût que'elle m'a laissé ... Mais pareille volupté, nul ne l'aura goûtee.

Nul au monde : il faudrait aimer comme je l'ai fait : être aimé, comme je fus aimé ; se faire don l'un à l'autre de toute la raison, de toute la vie qui, sans cela, se perdent en nous ...

Ah ! les lourdes, les lentes années, que celles qui sont venues après ! Ah ! les désenchantements fatals qui, branche à branche, l'ont mise à terre, ma cabane de là-bas où finissait la terre !

Les revoir !... ces lieux enchantés, — je ne veux pas : je ne les reconnaîtrai pas, j'en suis trop sûr, tant ils seraient changés, changés comme moi, comme elle, que je vois sans la reconnaître !

Aujourd'hui comme hier là-bas finit la terre ; seulement, le ciel n'y comnence plus : la vision s'est évanouie dans l'ombre épaisse, et l'agreste beauté de cette nature est nue.

Terceira parte

Um bailado Garrettiano desconhecido

Sob o titulo *--Garretiana*—publicou o *Conimbricense* (numero 5:348) a seguinte nota que, a titulo de curiosidade, transcrevemos com a devida venia:

«Tenho na minha frente um curioso opusculo, que não vi «citado ainda, em bibliographia alguma, e vim possuir a Geno- «va por favor do meu apreciado amigo Manoel de Carvalhaes.

«Comprehende-se em oito paginas de 8.^º pequeno e diz as- «sim no frontispicio:

«O CHAPIM D'ELREI | ou | PARRAS VERDEŠ | Di-
 «VERTISSEMENT (sic) EM 1 ACTO E 3 QUADROS. | EXTRAIDO DA XA-
 «CARA DO | Ex.mo Sr. J. B. DE ALMEIDA GARRET (sic) | POSTO EM
 «SCENA | PELO | Sr. Cyriaco Marsigliani. | Para
 «se representar | N° | R. T. DE S. CARLOS. | (Um brasão
 «de armas portuguezas) LISBOA. | TYP. DE P. A. BORGES—
 «RUA DA OLIVEIRA N.^º 65 (AO CARMO). | — | 1847.

«Gomes de Amorim não dá conhecimento nem do opusculo, nem da representação d'esta especie de bailado; Innocencio tambem me parece que o não individua. Em memoria do centenario de Garrett, aqui dou noticia d'elle aos leitores que «com razão procuram no *Conimbricense* a lembrança dos casos que se passaram.

«Genova, XXXI Janeiro.

«JOAQUIM DE ARAUJO .

E ainda, e para completarmos, quanto nos foi possivel, este recolho de pequeninos mas interessantissimos documentos, referentes á vida e obra do grande Mestre, seja-nos licito transcrever para aqui, dum artigo publicado pelo sr. dr. Sousa Viterbo no *Díario de Notícias* (numero 11:909) a Con-

sulta de Garrett ao Ministro do Reino, encarregando-se de redigir a secção portuguesa da obra *Art de vérifier les dates*. E' como segue:

«Os editores, e additadores d'aquelle obra rogarão a S. Magestade lhes fornecesse por via de pessoa de letras esclarecimentos exactos sobre a historia dos factos Portuguezes e genealogia da Casa de Bragança desde 1750. El-Rei cometteu isto aos Governadores do Reino então, e estes á Academia de Lisboa. Tudo isto á 5 para 6 annos, sem effeito «ou solução alguma. Ainda que tenho bastante consciencia do «meu pouco, julgo-me comtudo suficiente (talvez me enganem «os meus desejos ardentes) para desempenhar esta commissão litteraria. Posso pelo menos comprometter-me na brevidade, e se V. Ex.^a se dignasse commetter-m'a, nenhuma honra maior poderei eu nunca receber de S. Magestade. Desculpe-me V. Ex.^a d'este atrevimento, bem sei «quanto é desmesurado, e peço d'elle a desculpa, que julgo «merecer meu talvez excessivo zelo. Repartição 4.^a em 27 de «novembro de 1822.—Garrett.



Nota final

O *Impromptu de Cintra*, com que abrimos a 1.^a parte das nossas *Flores Garretianas* veio publicado no n.^o 59 do *Jornal Saloio*, em seguida a um largo e interessante artigo do sr. dr. Carlos Guimarães, genro do poeta, que possue o autographo com as seguintes linhas :

“A lembrança desta brincadeira agradou, e no mesmo dia foi executada e representada.

• Conservo isto, não pelo nada que vale, mas para memoria dessas boas horas que passei no delicioso sitio de Cintra.

—Do mesmo numero do *Jornal Saloio* transcrevemos as cartas de Garrett à filha que estava a educar no Convento das Salesias, escriptas no anno antecedente ao da sua morte, 1854.

—As cartas de Garrett aos srs. Eduardo Faria e José Ramos Coelho (escriptas em 1852) transcrevemol-as da plaquette publicada em Paris por occasião do centenario pelo sr. Antonio de Portugal de Faria com o titulo de *Garrett em França*.

—A carta de Garrett ao sr. dr. Domingos Garcia Peres (escriptas em 1854) veio publicada, em artigo do sr. M. M. Portella, no n.^o 899 de *O Distrito de Setubal, — Homenagem a Garrett*.

—As traduções francesas do sr. L. P. de Brinn' Gaubast vieram no n.^o 284 (9.^o anno) da *Revue Encyclopédique Larousse*, consagrado tambem a Garrett : as traduções francesas do sr. Marc Legrand e italianas do sr. Prospero Peragallo obtivemol-as por amabilissima intervenção dos srs. Joaquim de Araujo e Xavier de Carvalho a quem, como aos seus autores, aqui deixamos exarada a expressão do nosso reconhecimento.

—Resta-nos acrescentar que sabemos estar no prelo uma plaquette do sr. Tommazzo Cannizzaro com versões das *Folhas Caiadas*, feitas pelo illustre poeta Siciliano a pedido do não menos illustre poeta sr. Joaquim de Araujo, nosso consul em Genova; e o mesmo tenciona fazer o sr. Prospero Peragallo que, além das versões com que se dignou honrar este numero da *Ave-Azul*, tem outras que publicará em opusculo brevemente.

